

DISCURSO DE POSSE - ACADÊMICO JORGE REZENDE FILHO

Novel Acadêmico Jorge Fonte de Rezende Filho. Há muito esta casa vos espera e eis que hoje o estamos recebendo.

Méritos vos sobram, muitos dos quais já expressados no belo discurso do Acadêmico Carlos Antonio B. Montenegro.

Apesar do já referido, muito se poderia falar sobre este Novel Acadêmico.

Está no protocolo que o discurso de encerramento desta cerimônia cabe ao presidente fazê-lo. Pretendo nem ser longo para não vos entediar e também para não reduzir o tempo da festa ao Novel Acadêmico, e nem muito breve para não omitir mensagens importantes desta secular instituição científico cultural, em noite de tamanha importância.

Victor Hugo dizia: “Telle vôtre mot, telle vôtre desir. Telle vôtre desir, telle vôtre intention. Telle vôtre intention, telle vôtre volonté. Telle vôtre volonté, telle vôtre action. Telle vôtre action, telle vôtre destin.”

Assim em vossas palavras pudemos entender vosso destino. Esse mesmo destino quis que vossa chegada aqui na Academia Nacional de Medicina, nesta noite, por feliz coincidência fosse também minha primeira cerimônia de posse na presidência desta casa.

Lembro o saudoso Acadêmico e ex-Presidente, Rinaldo Victor De Lamare, que em seu discurso de posse como membro titular na noite de 25 de novembro de 1982 referiu que no ano de 1685 o Doge de Veneza foi pagar, como era de hábito, o tributo ao Rei da França, Luiz XIV. O cortesão que o acompanhava, exibindo-lhe o esplendor dos salões, o deteve de súbito perguntando o que achava de mais impressionante entre todas aquelas maravilhas, o piso de mármore florido, os espelhos, os enormes lustres de cristal ou os quadros dos grandes mestres? O Doge parou, olhou em torno e de modo hesitante respondeu: o que acho mais impressionante é eu estar aqui.

Assim, me sinto hoje e como acredito que se sinta também Vossa Excelência. Ouso imaginar que aqui chegou como diria Cícero com Gaudium e Letícia Gaudium é o prazer que a alma experimenta quando percebe a posse de um bem presente, parte daquilo com que sonha. Letícia, é o prazer entusiasta, um estado em que predomina o prazer em si as vezes junto a outras sensações às vezes contraditórias.

O Prof. Jorge Rezende Filho representa exemplo perfeito do verdadeiro vínculo de responsabilidade entre reflexão e ação, entre “práxis” e “logos”. Para ele a experiência existencial da presença no mundo ilumina as ações. A fonte do seu pensamento é sua vida. Sua existência,

manifestação concreta de suas convicções. Sua atividade profissional ecoa exatamente numa época em que paulatina e inexoravelmente nos deixamos invadir pelo esquecimento sistemático daquilo que é mais característico do homem, sua humanidade. Alia com rara felicidade a postura e virtudes do homem atual. Não simplesmente atuando e ensinando receitas tradicionalmente conhecidas ou imperativos inadiáveis, mas antes de tudo, dirigindo aos homens um apelo, para que vivam sua humanidade mais profundamente, movidos pela nostalgia do humano, na redescoberta e experimentação de suas potencialidades criativas. É notável o profundo sentido de diálogo que estabeleceu entre sua vida e suas ações. Firmando com ambas um pacto de mútuo e íntimo compromisso. São auto determinantes. Sua biografia pessoal, médica, pedagógica e intelectual é das mais fecundas, tornando-se um orgulho para a medicina brasileira.

Ouso comparar a Academia Nacional de Medicina aos templos gregos.

Nas montanhas de Delphos ergue-se um santuário que durante muitos séculos desempenhou um papel importante na Grécia Antiga. Os Gregos sabiam realmente escolher locais aprazíveis para construir seus templos. Mas o Templo de Delphos era especialmente magnífico. num longo vale que se estendia entre as montanhas e o azul esverdeado do Golfo de

Corinto. O ambiente inspirava reverência e fazia sentir a grandeza própria dos lugares sagrados. Em Delphos os Gregos iam buscar ajuda para suas preocupações. Nesse templo, desde a caótica idade arcaica até a era clássica, Apolo ensinava seu povo a pensar, e o aconselhava através de suas sacerdotisas. O grego sensível, preocupado consigo mesmo, com sua família e com o futuro encontrava orientação em Delphos, pois Apolo sabia tudo sobre o modo complexo com que os deuses jogavam com a humanidade. Sem Delphos a sociedade grega dificilmente teria suportado as tensões a que estava sujeita na era arcaica. Sem esse conselho divino e onisciente e sem a garantia de que por trás do caos aparente havia sempre conhecimento e finalidade a sensação avassaladora da ignorância e insegurança humanas determinaria um peso insustentável para todos os habitantes da terra

Assim esta casa e seus Acadêmicos e Acadêmicas aqui estão para mostrar que por trás do aparente caos do mundo de hoje que nos cerca, há conhecimento e finalidade.

Apolo era o deus da forma, da razão e da lógica. E isso tem a ver com esta noite, e esta Academia. Apolo era também o deus da arte, pois a forma é uma característica essencial da beleza. A riqueza do significado desse mito é melhor entendida quando lembramos que Apolo é o deus da luz. Não

apenas da luz do sol, mas a luz da mente e da inspiração. Assim, é muitas vezes chamado de Hélio, que em grego quer dizer Sol e de Febo, deus da luminosidade e do fulgor. Finalmente o mais importante, Apolo é o Deus da cura e do bem-estar e seu filho Asclépio, é o deus da medicina. Todos esses atributos de Apolo, criados pelo inconsciente coletivo na mitologia dos séculos das trevas pré-Homéricas são entremeados por um sentido fantástico e figurativo. Tão coerente e significativo como o fato de ser este o deus conselheiro, o deus da inspiração psicológica e espiritual, o deus que orientava um período intensamente vital de formação do povo. O ateniense quando a caminho do templo de Apolo naturalmente concentrava-se na figura do deus da luz e da cura.

Assim podemos comparar o caminho e a responsabilidade daqueles que aqui chegam. Nosso compromisso é com um futuro luminoso.

O caminho para o futuro não se abre nem com um pensamento temeroso de segurança que evita todo e qualquer risco, nem com a ousadia totalmente irracional e por isso temerária e sem possibilidade de resposta, mas sim através da ousadia racional formulada pela filosofia existencial cristã de Peter Wust que por um mínimo de compreensão do sentido arrisca o máximo de sacrifício. O que nos cabe, porém, não é somente ter a consciência e apontar os erros e as dificuldades. Nossa tarefa, é antes de

tudo, prospectiva e de construção, mostrando soluções, corrigindo nossos erros e recomeçando a partir daí.

Assim, é o sentido da história tão bem definido no livro *Um* da política de Aristóteles: “Se as lançadeiras tecessem elas próprias a tela, se o arco tirasse espontaneamente sons de cítara, os arquitetos não teriam necessidades de operários nem os senhores de escravos”. Aristóteles compreendeu perfeitamente que a liberdade efetiva do ser humano depende do desenvolvimento histórico, das forças produtivas, bem como do progresso da ciência e da técnica. Dois mil anos depois, no “Discurso do Método”, Descartes antevê também que o homem poderia tornar-se, por meio da nova ciência que acabara de criar e de todas as máquinas que essa ciência permitisse construir no “Senhor e dono da Natureza”. Não bastaria, porém para assegurar a libertação da humanidade que o homem se tornasse senhor e dono da natureza, pois esse domínio poderia ser colocado a serviço não da humanidade toda, mas de classes e de grupos privilegiados. A libertação exigiria, portanto, que o homem se tornasse senhor e dono da história e para isto é necessário um comportamento ético e reto, bem como um compromisso social.

Novel Acadêmico, temos a tarefa de ajudar a construir a emergência de uma sociedade feita, não sobre o homem, mas por ele e para ele

destinada. Estamos no início do conhecimento e da melhor forma estamos no início da consciência. Estamos, não no momento de um possível desabrochar de sociedades históricas, mas sim no anúncio de uma verdadeira história. Temos a consciência precisa dos perigos eminentes e a certeza de que as forças enumeradas não são nem invencíveis nem imutáveis. Possuímos uma visão clara daquilo que deve ser mudado, fazendo um plano concreto para realizar esta mudança. Assim como Homero conseguiu transformar a violência da Guerra de Tróia na poesia que orientou a ética da civilização grega, assim também conseguiremos transformar a violência e o aparente caos em que vivemos numa ética para a construção de um mundo mais justo e mais feliz para todos.

Bem-vindo Acadêmico Jorge Rezende Filho.